

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

Imbricações entre o passado e o presente em *Terra Sonâmbula*

Silvaneide da Silva Costa¹

Resumo

Este trabalho visa apontar o entrelaçamento dos tempos em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto através dos escritos “Os cadernos de Kindzu” inseridos no corpo da narrativa. Destaca-se que os cadernos trazem fatos pessoais e históricos do passado para o presente da narrativa, possibilitando assim o preenchimento das lacunas deixadas pelas guerras.

Palavras-chave: Literatura moçambicana, Mia Couto, Terra Sonâmbula, escrita, tempos e utopia.

Terra Sonâmbula, romance do escritor moçambicano Mia Couto, datado de 1992, é uma obra que abrange duas narrativas em paralelo. A primeira a surgir relata as vivências de Muidinga e Tuahir e a segunda é apresentada no corpo do romance através dos cadernos de Kindzu. As duas se desenrolam nesta mesma sequência.

Em Moçambique, o passado é presente. As conversas cotidianas são entremeadas constantemente por referências temporais, algumas difusas, outras precisas, mas todas cruciais para a compreensão dos acontecimentos presentes. (CABAÇO, 2009, p.15).

¹ Mestranda - Universidade de São Paulo (USP); sil.amiga@yahoo.com.br

O romance se desenrolará em consonância com esta citação de Cabaço. Perceberemos que esta divisão material também compreende a divisão temporal, pois a partir desta divisão temos o entrelaçamento do passado e do presente. Por vezes, as narrativas e tempos se misturam para uma melhor compreensão dos fatos narrados.

Tanto o cenário atual quanto o memorial está ambientado na guerra e seus efeitos. No tempo presente, a narrativa inicia-se com o velho Tuahir e o jovem Muidinga vagando sem direção. Eles buscavam um lugar para refugiar-se. Os dois abrigam-se em um ônibus queimado que estava à beira da estrada. A outra narrativa está no tempo passado. Nela, o jovem Kindzu apresenta-nos a sua história. O jovem, motivado também pela guerra, inicia uma viagem que será por ele registrada e lida pelo Muidinga.

O período bélico mencionado na obra compreende momentos antes, durante e depois da Independência do país, em 1975 e a Guerra Civil Moçambicana que iniciou-se no mesmo ano. Segundo Morais, a guerra provoca o emudecimento no homem.

A guerra esvazia as experiências comunicáveis por vários motivos: quer seja pela mudança drástica que impõe ao ambiente, quer pela mudança que impõe ao indivíduo. Como resultado de embates políticos e econômicos, a guerra impõe limites extremos, de onde o homem só pode sair mudo. (MORAIS, p.9).

Constataremos como esse emudecimento ocorre nas personagens Kindzu e Muidinga de formas diferentes, porém com a mesma veemência. Esse emudecimento das personagens será expandido à nação moçambicana. Não somente ao espaço físico como também ao espaço ideológico, em especial ao período da Guerra Civil, quando as pessoas não podiam mais transitar livremente; ficaram sem condições básicas para viver. O que restava era sonhar. Sonhar não com um novo Moçambique, mas com um reconstruído das bases já implantadas na Independência do país.

Silenciada pelos mais diversos mecanismos do poder, quer seja o poder colonial, quer seja o ocasionado pela guerra civil, Moçambique é um território cuja história oficial deve ser desconstruída e suplantada [...]. (MORAIS, p.10).

Morais continua a citação dizendo que a história de Moçambique deve ser reconstruída pelos diálogos que remontam as experiências das pessoas que tiveram que silenciar-se, sofreram, porém não tiveram sua participação na história oficial. É isto que encontramos em **Terra Sonâmbula**, através de personagens desfavorecidas como velhos e crianças, Mia Couto reconstrói um período muito doloroso de seu país. Com base na vivência e sonhos, Kindzu registrou a sua autobiografia para despertar o sonhar de quem lesse os seus registros.

A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são apenas uma fuga insossa e até enervante, e até presa para enganadores. Outra parte, porém instiga, não permite a resignação. O esperar está no cerne desta outra parte, que é ensinável (BLOCH, 2005, p.14).

A parte que se encaixa o desejo de Kindzu é a segunda, pois os sonhos que ele deseja ensinar é aquele que instiga o indivíduo a andar para frente mesmo em situações calamitosas como a da guerra.

Observaremos em Terra Sonâmbula, como “as pessoas assumiram, desenvolveram, estenderam, realizaram e alteraram suas relações” (WILLIAMS, 2014, p.3) intermediadas pela escrita.

Primeiras leituras

Muidinga encontrou os cadernos de Kindzu quando chegou ao machimbombo queimado. O velho Tuahir pediu para guarda-lo, pois serviria para acender a fogueira. À noite, Muidinga passou a ler os cadernos e Tuahir pediu que a leitura fosse feita em voz alta para adormecer.

No primeiro caderno, temos a apresentação de Kindzu e do pai dele, o velho Taímo, solitário pescador. O jovem diz registrar sua história conforme a ordem dos acontecimentos, “mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente”. (COUTO, 2007, p.15). Ele diz que acende a estória e apaga-se e que ao final dos escritos será de novo uma sombra sem voz (COUTO, p.15). Notamos a reflexão que Kindzu faz sobre o propósito da escrita na vida dele, pois ao proferir que ao escrever a estória ele apagava-se, aludimos que ele exercia por prazer ou fuga que migrava toda a sua

existência para o papel e desconectava-se do seu mundo presente, mas ele tinha consciência de que a sua vida não mudaria apenas por ser registrada, porém o jovem escreveu com o objetivo de “ensinar alguém a sonhar”. (COUTO, p.182). Ernst Bloch (2005) diz que:

Enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento (p.15).

Kindzu se encontrava em maus lençóis, pois diz apagar-se enquanto escrevia, por isso sonhava com uma vida melhor, ainda que não fosse para ele, almejava um amanhã promissor para o seu povo e deixou a sua contribuição.

O jovem prossegue sua narrativa dizendo que a razão do mundo presente estava num outro mundo inexplicável e que “os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos” (COUTO, p.16), pois conheciam os fatores que os ligavam. É neste momento que ele retoma a importância do seu pai para a vida dele, lembrando o dia em que o velho Taímo todo bem trajado, com a voz embargada anunciou a Independência do país e que apesar de não compreender o que aquilo significava, percebeu que aquele fato para o seu pai parecia ser a consumação de todos os seus sonhos. A emoção do pai foi tamanha que ao saber que sua esposa estava grávida disse que a criança se chamaria Vinticinco de Junho, mas concordaram que o nome mais apropriado seria Junho, chamado carinhosamente também de Junhito.

Há neste capítulo também a apresentação da guerra. O pai do jovem narrador diz que esta confusão vinha de fora e que era trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios. O jovem diz que a guerra aproximou-se aos poucos que primeiro ouviram as notícias dos acontecimentos longe. Depois, os tiroteios foram chegando mais perto até que deixaram de sair de dia e de sonhar a noite.

Pelo contexto mencionado, a guerra que estava em curso era a Guerra Civil, que se estendeu até 1992, ocasionada pelo embate político entre a Frelimo e a Renamo. Segundo Visentini (2012), a Frelimo foi fundada em 25 de junho de 1962 como resultado da união de três movimentos nacionalistas: Udenamo, Unami e Unam e teve como o principal dirigente e mentor, Eduardo Mondlane que

foi professor universitário nos Estados Unidos e posteriormente funcionário das Nações Unidas.

Visentini (2012) diz que a Renamo, um grupo formado por exilados negros moçambicano, destruía todas as benfeitorias que a Frelimo construía tais como estradas: “pois a Renamo atuava em conjunto com comandos rodesianos, destruindo estradas, ferrovias e oleodutos (p.98); escolas: “a ação da Renamo prejudicavam o desenvolvimento da educação no país, com constantes ataques às escolas do interior (p.110), na área da saúde, “muito da estrutura da saúde foi destruída pela Renamo” (p.111).

Neste primeiro caderno há a descrição da tristeza do velho Taímo, culminando na sua morte. Kindzu diz que o seu pai foi sepultado nas ondas. Antes de falecer, o velho Taímo sonhou que alguém de sua casa iria morrer e que seria o Junhito. A criança para ser protegida, foi escondida no galinheiro. Colocaram-lhe roupas de penas e ensinaram-lhe a cacarejar. Porém, sem deixar rastro, um dia perceberam que Junhito havia sumido. Esse fator deixou todos da casa muito entristecidos, em especial o velho Taímo, o que contribuiu muito para o seu falecimento.

Compreendemos que o fato do sumiço do Junhito ter deixado o pai dele em estado mental deplorável é uma alusão ao desaparecimento da conquista da Independência do país que estava sumindo com a Guerra Civil que estava em curso. Os moçambicanos perderam a sua liberdade de ir e vir e até de sonhar. Kindzu prossegue dizendo que “a guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias” (COUTO, p.23).

Prosseguindo com as informações da sua vida, Kindzu diz que a sua família receava que ele se afastasse de seu mundo original porque ele ia para a escola, tinha como mestre o pastor Afonso e que as lições do mestre iam para além da escola.

As primeiras descobertas

Muidinga leu este primeiro caderno e a partir daí, “os cadernos e Kindzu se tinham tornado o único acontecer naquele abrigo” (COUTO, p.34). O acontecer

mais importante que ele descobriu foi perceber que sabia ler e por isso, “o tempo ele queria apenas para mergulhar nas folhas” (COUTO, p.34). No dia seguinte, Muidinga pega um graveto e rabisca no chão: “azul”.

Afinal, ele também sabia escrever? Averiguou as mãos quase com medo. Que pessoa estava em si e lhe ia chegando com o tempo? Esse outro gostaria dele? Chamar-se-ia Muidinga? Ou teria outro nome, desses assimilados, de usar em documentos? (COUTO, p.37).

Notamos que ao contrário da apresentação da vida de Kindzu, que se faz de maneira clara, já que desde o início da narrativa, sabemos por seus relatos que ele possuía pais, irmãos e amigos. As informações sobre a vida de Muidinga aparecem como flashes. O que primeiro sabemos sobre o jovem é do seu aspecto intelectual: saber ler e escrever. Ter consciência das habilidades leitora e escritora despertou nele o processo de reflexão para saber quem ele era. Em suma, despertar a curiosidade sobre o mundo em que o ser está inserido, provocar questionamentos sobre quem ele é, é a função social da escrita.

Certa feita, Muidinga e Tuahir se afastaram do machimbombo e o jovem ficou com medo de não conseguirem voltar para lá. Questionando-se sobre o porquê, percebeu que o que lhe prendia àqueles destroços na estrada “eram os cadernos de Kindzu, as histórias que ele vinha lendo cada noite (COUTO, p.51).” Os escritos de Kindzu começam a ocupar também a área da fantasia de Muidinga, pois certa vez ele pareceu ouvir os cabritos embriagados do velho Taímo, pai de Kindzu e ao conversar com o tio enquanto estava preso em uma armadilha, disse que sentia saudades de Farida, como se ela fizesse parte de seu cotidiano.

Enquanto estava preso na armadilha criada pelo velho Siqueleto, Muidinga vai relembando as histórias do caderno e adormece. Ao adormecer, sonha se revendo menino em uma escola. Ao acordar, ele tem a certeza de que: “Os sonhos são cartas que enviamos a nossas outras restantes vidas (COUTO, p.65).”

Em consonância com o sonho, por rememorar o que se passou, Muidinga apanha um pau e começa a escrever no chão. O velho Siqueleto pergunta o que

estava desenhado e Tuahir responde que era o nome Siqueleto. O velho pede então que escreva o seu nome em uma árvore e os liberta da armadilha, já que, segundo ele, a aldeia continuaria a existir porque o nome dele estava no sangue da árvore. Saber escrever foi a arma utilizada por Muidinga para alcançar a sua liberdade, do seu tio e sanar as preocupações do velho Siqueleto sobre a dizimação do seu povo.

“No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões” (COUTO, p.99). Os escritos do caderno de Kindzu iluminam não somente as lacunas de Muidinga a respeito de seu passado, mas também possibilita uma mudança no cenário presente, haja vista que cada vez que o jovem lê, no dia seguinte, seus olhos observam coisas diferentes. À noite, a leitura é um alento. De dia é um instrumento modificador de cenário. As mudanças observadas por Muidinga na paisagem da estrada, nos dias precedentes a leitura mostra o caráter transformador que a leitura possui. Sabemos que uma árvore não surge de um dia para outro, como mencionado no romance. O que ocorre é que Muidinga passa a observar o cenário ao seu redor com outros olhos e a cada dia, ele busca uma forma de prosseguir na sua caminhada de esperança na busca pelos seus pais.

Expectativa, esperança e intenção voltadas para a possibilidade que ainda não veio a ser: este não é apenas um traço básico da consciência humana, mas, retificado e compreendido concretamente uma determinação fundamental em meio à realidade objetiva como um todo. (BLOCH, 2005, p.17).

Muidinga mediado pela leitura dos cadernos de Kindzu espera, anseia e intenciona a possibilidade de mudança no cenário que se encontrava a estrada ao seu redor. Essa expectativa voltada para a transformação da estrada remonta o desejo de mudança do cenário moçambicano em geral. Em tempos de guerra, danificar as estradas serve para evitar a circulação de civis, guerrilheiros e mercadorias. Assim, a mudança do cenário da estrada, “a realidade objetiva” (BLOCH, 2005, p. 17), simboliza a possibilidade de mudança do país, pois seria pela estrada que circularia os meios de transformações do país, seja humano ou material.

Emudecimento: conclusão

De acordo com Fanon (2010), os traumas decorrentes da colonização e da guerra são numerosos. Sabemos que pessoas vítimas de grandes traumas costumam desligar-se parcial ou totalmente da realidade. Muidinga é um jovem sem memória, sem familiares e sem uma história conhecida. Resta-lhe buscar uma forma de vencer tudo isto e encontrar-se consigo, com seus familiares, enfim, com sua vida que a guerra destroçou. Assim também se encontrava Moçambique. Uma pátria sem pais ou filhos. Sua história de luta pela independência foi facilmente esquecida por aqueles que assumiram o poder. Ao tomar a decisão de governar o povo sem levar em conta as diferentes necessidades da nação moçambicana, os governantes provocaram o caos, a dizimação, a fome e as mortes da Guerra Civil moçambicana.

O caderno de Kindzu serve para Muidinga ter um panorama geral das consequências da guerra que ficaram em um passado não muito distante dele, mas que ele desconhecia, porque, motivado pela carência da guerra, ingeriu uma espécie de mandioca e quase perdeu a vida. Muidinga não perdeu a vida, mas teve que reaprender a andar, falar e ficou sem memória. Kindzu perdeu: a família, os amigos, a amada e por fim, a vida. Os cadernos de Kindzu também servem de alento e de bússola para seus dias e para incentivar a lutar pelo seu objetivo.

Assim como Kindzu e Muidinga tiveram suas perdas irreparáveis, Moçambique também teve as suas. Kindzu representa o tempo em que a nação por mais que tentasse encontrar uma solução, não conseguiria, pois o meio para isto estava impossibilitado, porém, Muidinga sem família ou memória surge na narrativa como possibilidade de mudança. Para isto, ele precisava tomar consciência dos acontecimentos do passado. Kindzu descrevendo um sonho em que via seus escritos com Gaspar “Então, as letras uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas da terra”. (COUTO, 2007, p. 204).

Ressaltamos que o ato das folhas voarem e misturarem-se ao ponto de se transformarem em “páginas da terra”, nos dá a possibilidade da germinação de um novo tempo. Um tempo em que a história possa juntar o conhecimento do

passado, experiências do presente na germinação de um futuro autêntico e libertário.

Já se passaram 39 anos da Guerra de Libertação e 38 da Guerra Civil Moçambicana e o país ainda encontra-se em condições precárias em vários aspectos sociais, como a falta de alimentos, saúde, moradia digna e escolarização. O fator que mais nos interessa neste trabalho é o relativo à escolarização em Língua Portuguesa, haja vista que o possibilita defender esta bandeira. De acordo com a leitura e compreensão da obra, nota-se que estes cadernos desempenham muito mais que a função de um recurso estético-estilístico. O embricamento entre os tempos, passado e presente, por meio dos cadernos de Kindzu é a forma atual e contextualizada de representar uma carência importantíssima da cultura moçambicana: dominar a escrita e leitura das letras portuguesas. Este recurso decorrente da modernidade possibilitará aos antigos ou novos moçambicanos terem acesso ao seu passado e registrarem o seu presente para nesse diálogo entre tempos encontrarem respostas que preenchem as lacunas deixadas pela colonização e guerras.

[...] as divisões rígidas entre futuro e passado desabam por si mesmas: o futuro que ainda não veio a ser torna-se visível no passado: o passado vingado, herdado, mediado e plenificado torna-se visível no futuro (BLOCH, 2005, p.19)

Ao longo da narrativa, percebe-se que as estórias narradas por vezes encontram-se, e fica difícil separá-las dentro do tempo narrativo. Por diversas vezes as personagens da narrativa do passado são trazidas para o presente narrativo. Desta forma, Kindzu visita o seu futuro e Muidinga o seu passado. No futuro visitado por Kindzu ainda não ocorreu muitas mudanças, porém, ele conseguiu deixar o seu legado para alguém e desta forma a possibilidade de vingar o passado de sofrimentos torna-se possível através da chama que os cadernos de Kindzu despertaram em Muidinga. Esta chama desperta em Muidinga desejos que segundo Bloch (2005) estão ligados à dignidade humana (COUTO, p.17) e que “brotam do não à carência” (COUTO, p.16). A não carência de ter uma família, alimentação, casa para morar, estrada para circular, enfim, conhecer sua história de vida destruída ou piorada pela guerra.

Referências

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto. Volume 1, 2005.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

MORAIS, Perla Araújo. “A invenção da verdade: identidade, história e linguagem em Terra Sonambula, de Mia Couto. Paraná: **Revista Travessias**. Edição 8.s/d. Disponível em: <file:///C:/Users/SILVANEIDE/Downloads/3590-13150-1-PB.pdf>. Acesso em 07/07/14 às 14:00.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas**. São Paulo. Editora Unesp, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.